

Fome

# Desespero de fé fortalece campanha da fome

*Distribuição de alimentos preenche vácuo de mobilização criado na classe média depois do impeachment*

Luciana Whitaker/Folha Imagem

## MARCELO COELHO

Da equipe de articulistas

**A** campanha contra a fome idealizada pelo Betinho cresce a olhos vistos. Já tem 3.000 comitês espalhados pelo Brasil. Realizou um grande show no Memorial da América Latina, com Chico Buarque, Caetano Veloso e vários outros.

Nenhum dos participantes do movimento terá a ingenuidade, por certo, de acreditar que a distribuição de alimentos irá erradicar a fome no país. O próprio Betinho aponta para a importância de uma política econômica que crie empregos e reaqueça a economia. Mesmo assim, a idéia de distribuir alimentos surge como uma saída; como "alguma coisa" que se pode fazer, dada a miséria que atinge milhões de pessoas no Brasil.

Não há muita novidade neste movimento. Entidades filantrópicas se dedicam a isso há muito tempo. A Rede Globo já organizou doações em massa a favor dos indigentes. A Igreja tem seus próprios programas.

O que há de inédito, então, na campanha do Betinho?

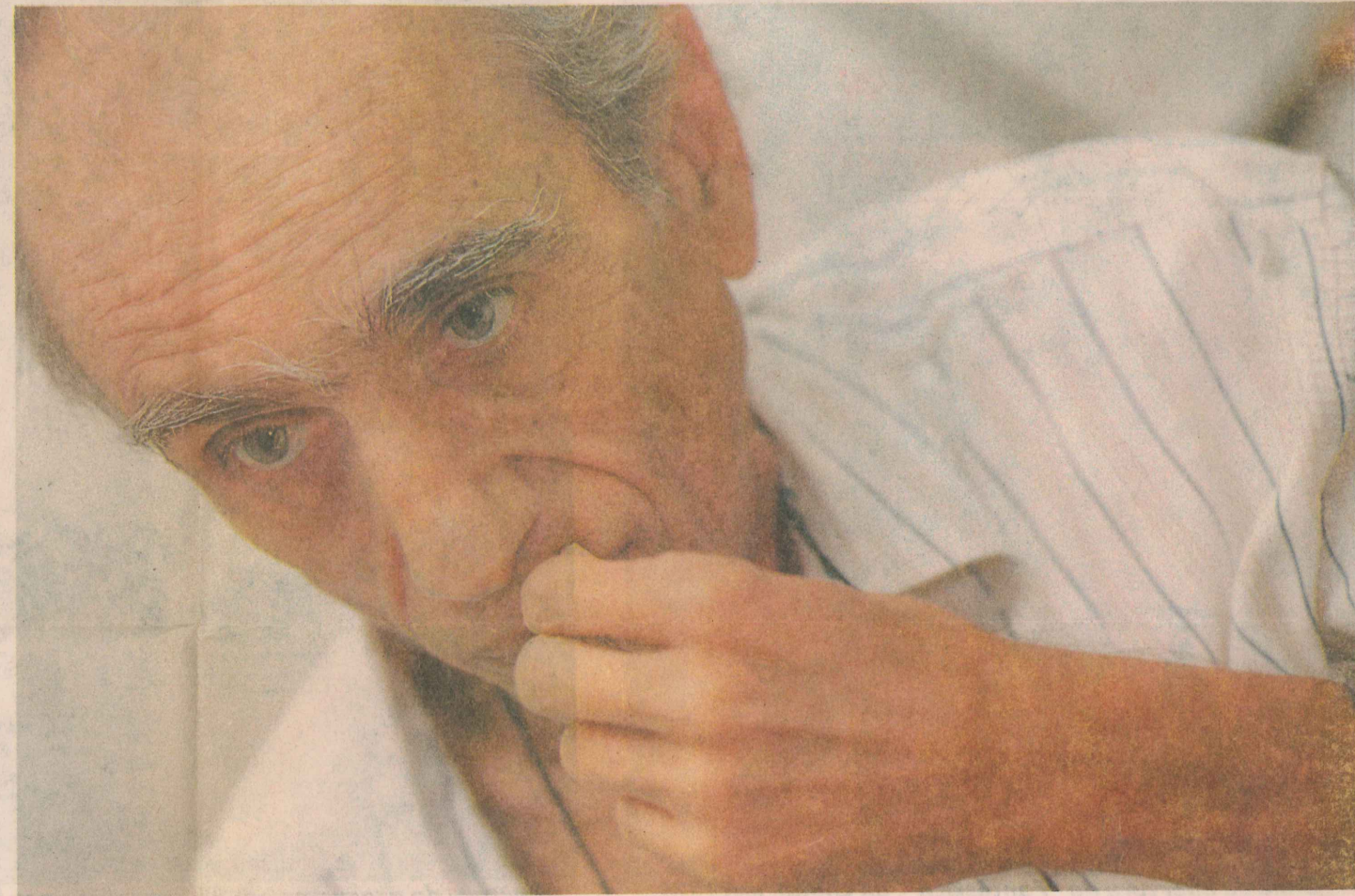
Talvez seja o público a que se

Esclarece, sem dúvida, algumas das razões do sucesso da campanha. Pois, neste movimento de filantropia de esquerda, nesta campanha idealizada por uma personagem de passado marxista e crítico, sente-se como que uma crispada iniciativa, um desespero de fé. Era mais fácil quando se acreditava numa revolução, num movimento de classes que fosse capaz, por si só, de resolver os problemas sociais do Brasil.

## Derrotas

Diversos fatores se encarregaram de dissipar toda essa crença. Não só a percepção de que reformas sociais amplas, no Brasil, parecem impossíveis. Mas também todas as derrotas que a mobilização da sociedade civil conheceu ao longo dos últimos anos. Da campanha das Diretas aos "fiscais do Sarney", da campanha de Lula ao impeachment de Collor, tem-se a sensação de que todos os esforços mobilizatórios da esquerda, que todas as atividades da "sociedade civil", se prestam à decepção.

Nada melhor, então, que prosseguir numa campanha mobilizatória, que mexe mais uma vez com a consciência das pessoas de bem e com as camadas progressistas da classe média, e que ao mesmo tempo — nisso o movimento do



O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, idealizador da campanha nacional contra a fome

...do Brasil. A campanha da... por serem bons, mas porque

Talvez seja o público a que se dirige. Procura mobilizar não as senhoras católicas, os figurões da alta sociedade, mas uma classe média crítica e de esquerda, historicamente desconfiada do mero assistencialismo filantrópico.

### Pascaliano

O argumento da esquerda sempre fez sentido: dar esmolas “não adianta nada”, uma vez que as condições sociais que produzem a pobreza permanecem intocadas.

Mas eis que Chico Buarque, justificando sua participação no show do Memorial, veio com um argumento curioso. Você pode dizer que distribuir alimentos não resolve nada, lembrava ele, “mas não distribuir resolve menos ainda”. Já que nada vale nada, um pouco de caridade é melhor do que nenhuma.

O raciocínio de Chico Buarque é ao mesmo tempo amargo e otimista, quase pascaliano em sua ativa resignação.

asse média, e que ao mesmo tempo —nisso o movimento do Betinho se distingue dos demais— já sabe, de antemão, que irá fracassar.

Já sabe que não acabará com a fome de dezenas de milhões de brasileiros. Já sabe que se mobiliza numa espécie de protesto construtivo, de conformismo do coração, sem agitar esperanças desgastadas, sem apontar “novas etapas” na história brasileira, sem agitar messianismos.

Soma-se a isso o desencanto generalizado com todas as formas de intervenção política estrito senso. Nem mesmo Lula e o PT escapam de uma avaliação negativa por parte de Betinho, na entrevista que ele deu à **Folha** no último domingo.

### Vácuo

Todo o processo do impeachment e da luta pela “ética na política”, teve, sem dúvida, um efeito despolitizador na opinião

pública brasileira. A campanha de Betinho é um pouco sintoma disso. Como se todo o potencial de militância, de inconformismo das classes médias esclarecidas tivesse se cansado um pouco das esperanças no parlamento e no governo. E, afirmando de vez a famosa “autonomia da sociedade civil”, se dispusesse a tentar resolver, ou pelo menos ajudar, por conta própria, o quadro social brasileiro.

É como se existisse um potencial de mobilização girando no vácuo depois do impeachment e da derrota de Lula. Mobilizar para onde? Organizar o quê? A distribuição de mantimentos surgiu como resposta a esse vázio.

Tanto melhor. Pelo menos algumas famílias recebem comida. Não compartilho de uma visão clássica de esquerda, segundo a qual esses movimentos filantrópicos, e até mesmo o ato de dar esmolas na rua, são reprováveis à medida que apenas revelam o “sentimento de culpa” da pessoa que contribui.

### Quilo de arroz

O sentimento de culpa, afinal de contas, é uma boa coisa. Revela a existência de um critério de justiça. E dar um quilo de arroz aos pobres não alivia ninguém, não aplaca seus remorsos. Que uma pessoa se sinta bem depois de contribuir para uma instituição de caridade, é um direito dela. Não se pode chamar isso de “puro egoísmo”; ainda que voltado, em última análise, para o reconforto do ego, é um bom egoísmo.

Cabe aqui a seguinte consideração. Quando alguém diz que “nada disso adianta nada”, e que o filantropo está apenas agindo por compexos de culpa, isso provavelmente é verdade. Mas também é verdade que, nas críticas desse tipo, o que há por trás é outro sentimento de culpa: a culpa por não ter contribuído, por não ter feito caridade. Sinto-me culpado por não ajudar, e por isso argumento que os outros só ajudam não

por serem bons, mas porque sentem culpa.

Ajudemos, então, mesmo sabendo que isso tudo adiantará pouco. Talvez seja este o ato moral por excelência, o mais desinteressado de todos.

Mas essa cegueira de coração, essa ineficácia cheia de empenho, esse “campanhismo” edificante não deixam de revelar o problema irresoluto da sociedade brasileira. Trata-se da dificuldade estrutural em conceber um modelo que dê conta dos milhões de indigentes que nos infernizam a vida.

O que preocupa, nessa movimentação de sociedade civil, é a descrença em qualquer solução razoável que o Estado possa dar a essa situação. Católicos, conservadores, espíritas, sempre fizeram caridade. Quando a esquerda reinventa essa atitude, é sinal de que não sobrou mais coisa nenhuma a esperar.